

Aquilo que não cabe, transborda.

Pelas mãos de Renato Morcatti, a arte do fazer constrói vocabulário e musculatura. Do barro ao forno ou do atrito do carvão no papel que se faz desenho, suas criações são medidas pelas intensidades, excessos e delícias da fatura. Nesta breve exposição, o artista apresenta um recorte de sua produção recente, marcada pelos tensionamentos entre os códigos da cultura popular e o frenesi da contemporaneidade.

No domínio do artista está, também, a artesanania na reconstituição de memórias e, paralelamente, na produção de desconfortos e estranhamentos. Pois sua produção reconstitui o ordinário, elevando o cotidiano para um espaço de sacralização, tendo a casa como ponto de partida e, sobretudo, como lugar de ressignificação. Os objetos e imagens que cria são familiares, mas, também, são outros.

A partir da casa, Morcatti abre portas, janelas, frestas e rachaduras, transbordando histórias que não cabem mais nela. A casa da infância, das reuniões familiares, da moral e dos bons costumes, já não é mais a mesma. Ela se transfigura e ganha novos sentidos e dimensões a partir da revisitação do artista a suas memórias. As coisas da casa assumem, assim, outras formas, materialidades e dimensões. Nesse contexto, artefatos como chaves, ferramentas e filtros de barro deixam de ser meros objetos. Nos altares criados pelo artista, convertem-se em receptáculos que guardam e reconstituem lembranças, transfigurados por novas cores e adornos. Por mais que suas cerâmicas e desenhos nos guiem, num primeiro momento, para uma zona de conforto, logo nos conduzem a imersões profundas. Universos particulares que transbordam.

O trabalho do artista está na insistência dos modos de fazer e na constância da criação de imagens que afirmam mitologias em sua poética. Como rito e devoção, arte e vida se imbricam na produção de Morcatti. Trata-se de um corpo que se coloca por inteiro no trabalho, dedicação exemplar ao ofício de artista. E transborda, em barroquismos e excitação. Não por acaso, seus processos têm a terra e o fogo como elementos centrais, avatares de transformação. Pulsante e intensa, a obra de Morcatti não cessa. É mutante, como tudo na vida.

Sandro Ka

artista visual, professor e pesquisador (EBA/UFMG)